



MELANOCITOMA EM EQUINO DA RAÇA CRIOLA- RELATO DE CASO

Christian dos Santos Dalenogare¹, João Pedro Soliani Angst¹, Katyline henrich¹, Sarah Moraes Siqueira¹, Rodrigo Otávio Cardona², Daniele Mariath Bassuino

Palavras-chave: Tumores Cutâneos. Neoplasias. Achados patológicos. Melanócitos.

1 INTRODUÇÃO

Tumores cutâneos estão entre as neoplasias de casuística mais comum na medicina veterinária. Dentre essas, as neoplasias originárias dos melanócitos apresentam elevada ocorrência (GOLDSCHMIDT; GOLDSCHMIDT, 2017). O melanocitoma caracteriza-se por uma neoplasia benigna de melanócitos que afeta diversas espécies dos animais domésticos como caninos, suínos, equinos e, menos frequentemente, em felinos e bovinos (PHILLIPS; LEMBCKE, 2013; GOLDSCHMIDT; GOLDSCHMIDT, 2017).

Equinos podem desenvolver tumores melanocíticos congênitos ou adquiridos. É descrito em uma variedade de raças de diferentes pelagens, porém mais frequente em equinos de pelagem tordilha, acima de 10 anos de idade. Entretanto, podem ser observados em qualquer idade. Locais de predileção descritos incluem cabeça, tronco, pernas e períneo, com variação no tamanho e pigmentação, dependendo do tempo de evolução e desenvolvimento e, podem variar, de pequenas máculas pigmentadas a massas com 5 cm ou mais de diâmetro (CAMPOS et al., 2008; PHILLIPS; LEMBCKE, 2013; GOLDSCHMIDT; GOLDSCHMIDT, 2017).

Os sinais clínicos dependem da localização da proliferação tumoral. Tendem a ocasionar sinais clínicos mais severos, neoplasias que se localizam em cavidade oral ou na pele podem gerar incômodo, lesões por atrito, ou até mesmo por reação ao freio ou pela sela, quando localizadas na região peniana ou prepucial o animal poderá cursar com disquesia ou dificuldade de exposição do pênis (PHILLIPS; LEMBCKE, 2013).

¹ Discentes do curso de Medicina Veterinária, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: christian.dalenogare@gmail.com, Joao_angst@hotmail.com, katty.henrich@live.com, sarahmoraess@gmail.com

² Docentes e Patologista Veterinária da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: rodrigo.vet@terra, dbassuino@unicruz.edu.br



O objetivo deste trabalho é relatar os achados clínicos e patológicos de um equino atendido no Hospital Veterinário da Universidade de Cruz Alta diagnosticado com Melanocitoma cutâneo.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Foi encaminhado ao Laboratório de Patologia Veterinária da Universidade de Cruz Alta (LPV-UNICRUZ) para avaliação histopatológica, uma massa com características neoplásicas, provinda de exérese cirúrgica de um equino da raça Crioula em região perianal. A amostra foi analisada, coletada e fixada em solução de formalina tamponada a 10%, processada rotineiramente para histologia e corada por hematoxilina e eosina (HE). As informações clínicas foram obtidas junto ao médico veterinário requisitante do exame.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Equino, macho, raça Crioula de 15 anos de idade chegou para atendimento no HV-UNICRUZ para remoção de uma massa lateral ao ânus, com tempo de evolução de aproximadamente três anos. O equino deste caso era proveniente de uma propriedade rural destinada a equideocultura, localizada no município de Cruz Alta, Rio Grande do Sul. Segundo o requisitante, os outros equinos da propriedade não apresentavam lesões semelhantes. Ao exame clínico geral, o paciente não apresentou alterações clínicas dignas de nota, exceto pela evidenciação de um aumento de volume na região do períneo. Por se tratar de um equino reprodutor da propriedade, o tutor ressaltou a necessidade de remoção cirúrgica a fim de se evitar problemas futuros. O equino passou por avaliação clínica pré-cirúrgica e foi submetido à cirurgia para exérese da massa.

Ao exame macroscópico observou-se uma massa pouco delimitada, firme, com superfície irregular, medindo 7,5 x 6,5 x 3,5 cm de diâmetro. Ao corte com coloração enegrecida, aderida e não capsulada. Na macroscopia as neoplasias melanocíticas podem apresentar-se como massas arredondadas pigmentadas (pretas e brilhantes), parcialmente pigmentada (áreas pretas intercaladas com áreas cinzentas) ou completamente despigmentadas (brancacentas) (RISSI et al., 2008). Goldschmidt e Goldschmidt (2017) citam que o nível de pigmentação não é indicativo de malignidade, pois tanto lesões benignas quanto as malignas podem se apresentar altamente pigmentadas ou não expressar pigmentação. Na microscopia observou-se proliferação neoplásica de células melanocíticas bem diferenciadas, arranjas



em um manto sólido, por vezes em feixes que se estendiam de derme superficial a camada muscular, não delimitada e não encapsulada. As células apresentavam formato que variava de poliédrico a fusiforme, com citoplasma contendo pigmento granular grosseiro acastanhado. Os núcleos eram ovalados com cromatina granular grosseira e nucléolos pouco evidentes. Havia moderada anisocitose e anisocariose e raras figuras de mitose por campo de maior aumento (400x).

A maioria dos melanocitomas é de boa visualização devido à presença de pigmento de melanina de forma abundante, até mesmo em campo de menor aumento. Muitas células tumorais se apresentam redondas contendo grande quantidade de melanina no citoplasma, obscurecendo a morfologia do núcleo. Seções que se permitem a visualização nuclear, o mesmo pode se mostrar hiper cromático e com discreto pleomorfismo, com raras figuras mitóticas (GOLDSCHMIDT; GOLDSCHMIDT, 2017).

Durante o desenvolvimento embrionário os melanócitos migram para os tecidos da pele e bulbo dos pelos, onde produzem o pigmento melanina. A melanina tem como função proteger a pele aos raios ultravioleta (WAINSTEIN et al., 2004). Dados epidemiológicos nos mostram que neoplasias originárias de células melanocíticas são frequentes em equinos com mais de 15 anos de idade e de pelagem tordilha, o que corrobora com os achados deste trabalho. Tumores melanocíticos em equinos tordilhos idosos ocorrem devido a formação de novos melanoblastos por um aumento no metabolismo da melanina resultando na superprodução de pigmento na derme (FOY; RASHMIR-HAVEN; BRASHIER, 2002). Podem causar alopecia local e ainda vir a ulcerar dependendo do local de inserção, geralmente apresentam crescimento lento, se desenvolvem ao longo dos anos, podendo ser seguido de uma fase rápida, associada a diferenciação na malignidade tumoral tornando-se invasivo e metastático (FOY; RASHMIR-HAVEN; BRASHIER, 2002). Neste caso, a massa neoplásica apresentou crescimento lento com uma evolução clínica de aproximadamente três anos, sem manifestação de sinais clínicos secundários ao crescimento tumoral. A incidência desses tumores é mais frequentemente relatado em região periocular, ânus, vulva e cauda, com menor frequência podem aparecer também em lábio, úbere, tecido linfático e glândulas salivares, como a parótida (KNOTTENBELT; PASCOE, 1998; WHITE, 2006), localização que vai de acordo com a observada no equino deste trabalho que localizava-se na região perineal. O diagnóstico de neoplasias de origem melanocítica em equinos baseia-se no aspecto macroscópico, evolução clínica, confirmado por exame histológico, caracterizadas por lesões compostas por melanócitos e melanófagos (VALENTINE, 1995). Os tratamentos indicados por Lavoie e Hinchcliff (2008) incluem exérese cirúrgica, com bisturi ou criocirurgia (com



preservação dos órgãos adjacentes), ou uso de cisplatina intratumoral e cimetidina via oral. A técnica utilizada para remoção foi exérese cirúrgica com bisturi, onde se pôde abranger um espaço restrito devido o tumor localizar-se lateralizado ao ânus, sendo assim foi respeitada uma margem mínima de segurança por estar localizado próximo à ampola retal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se com este relato que neoplasias de pele apresentam uma grande incidência na rotina clínica de equinos. Ressalta-se a importância do diagnóstico através do exame de histopatologia para obtenção de um diagnóstico confirmatório e, conseqüentemente, de um correto tratamento e prognóstico aos pacientes.

REFERÊNCIAS

- FOY, J. M.; RASHMIR-HAVEN, A. M.; BRASHIER, M. K. Common Equine Skin Tumors. **The Journal of the Veterinary Surgeon in General Practice**. v.24, n.3, p. 242- 254, 2002.
- LAVOIE, J. P.; HINCHCLIFF, K. W. **Blackwell's five Minute Veterinary Consult: Equine**. Iowa: Wiley-Blackwell, 2008.
- GOLDSCHMIDT, M. H; GOLDSCHMIDT, K.H. Epithelial and Melanocytic Tumors of the Skin. IN: MEUTEN, D.J. **Tumors in Domestic Animals**. 5th Ed. Ames, Iowa,. John Wiley & Sons, Inc. 2017, p. 88-141
- KNOTTENBELT, D. C.; PASCOE, R. R. **Afecções e distúrbios do cavalo**. São Paulo: Manole, 1998.
- PHILLIPS, J.C.; LEMBCKE, L.M. Equine Melanocytic Tumors. **Veterinary Clinic: Equine Practice**. v.29, n.3, p.673-87, 2013.
- RISSI, D.R. et al. Melanoma maligno anaplásico em um equino. **Ciência Rural**. v.38, n.7, p.2072-2075, 2008.
- VALENTINE, B. A. Equine melanocytic tumors: a retrospective study of 53 horses (1988 to 1991). **Journal of Veterinary Internal Medicine**. v.9, n.5, p.291-297, 1995.
- WHITE, S. D. Doenças da pele. In: SMITH, B. P. **Medicina Interna de Grandes Animais**. 3. ed. Barueri: Manole, 2006, cap. 38, p.1200-1232.
- WAINSTEIN, A.J.A.; BELFORT, F.A. Conduta para o melanoma cutâneo. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**. v.31, n.3, p.204-214, 2004.